Nietzsche e o nietzscheanismo: constelações temáticas da recepção acadêmica da filosofia nietzscheana

Leonardo Camargo da Silva¹

RESENHA

WOODWARD, Ashley. *Nietzscheanismo*. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.

Vem crescendo nos últimos anos no Brasil a pesquisa em torno da recepção do pensamento nietzscheano. Afinal, como se deu a acolhida ou a rejeição da filosofia do autor de *Zarathustra*? Quais técnicas de interpretação e de leitura foram aplicadas pelos diferentes leitores no trato dos textos do filósofo? Em quais condições históricas vieram à luz certas leituras e apropriações da obra de Nietzsche? Esses e outros problemas têm ocupado a *Nietzsche-Forschung*, e pesquisadores brasileiros de renome internacional têm participado desse debate, entre eles Roberto Machado, Oswaldo Giacoia e Scarlett Marton, apenas tratando-se de poucos nomes entre Rio de Janeiro e São Paulo. Decerto a recepção acadêmica de Nietzsche entre tais intérpretes brasileiros é tão harmônica e uniforme quanto a cultura brasileira, o que constituiria um trabalho por si só investigar como se deu tal recepção entre os diferentes grupos que esses autores representam. No que

---

¹ Leonardo Camargo da Silva é mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lc.silva@hotmail.com.

tange à temática da recepção, o *Grupo de Estudos Nietzsche* (GEN), sob a orientação da professora Scarlett Marton, tem contribuído nos últimos anos com alguns estudos, especialmente com a série *Recepção* da *Coleção Sendas & Veredas*, e com a fundação do *Centro de Estudos Nietzsche: Recepção no Brasil* (CENBRA) em 2014.

Nesse contexto no qual os pesquisadores brasileiros se atentam, com maior cuidado, para o tema da recepção, vem a lume *Nietzscheanismo*, texto de Ashley Woodward em tradução de Diego Kosbiau Trevisan pela Editora Vozes. Dedicado ao tema da recepção, o livro debruça-se sobre as disciplinas e os movimentos acadêmicos influenciados pela filosofia de Nietzsche (p. 46) ao longo do século XX e início do XXI; atento à pluralidade das leituras e apropriações, o autor empenha-se em mapear o nietzscheanismo, isto é, as tentativas concluídas e ainda em curso de seguir os caminhos abertos pelo filósofo da transvaloração de todos os valores (p. 49). Diferentemente dos trabalhos organizados pelo GEN aplicados às *geopolíticas da recepção* – ou seja, aos contextos político-culturais nos quais a obra de Nietzsche foi recebida – a obra de Woodward põe-se em busca das *constelações temáticas da recepção acadêmica* da filosofia nietzscheana – isto é, dos movimentos e disciplinas que se apropriaram dos textos de Nietzsche para discutir questões que lhes interessavam². Entre eles estão o existencialismo, o pós-estruturalismo, a política, o feminismo, a teologia, o pós-humanismo e o naturalismo.

Ashley Woodward, professor de Filosofia na Universidade de Dundee na Escócia, lê Nietzsche a partir da filosofia da arte e relaciona a filosofia do autor de *Zaratustra* ao existencialismo, sobretudo de cunho francês em Sartre e Camus. Essa é a razão pela qual o primeiro capítulo de seu livro dedica especial atenção ao que seria uma leitura de Nietzsche como pensador existencial. Woodward faz uma breve introdução à filosofia de nietzscheana que, por um lado, oferece ao leitor iniciante uma porta de entrada aos escritos do filósofo e, por outro lado, ao pesquisador experimentado oferece a perspectiva do próprio Woodward que, preocupado com questões afeitas ao existencialismo, interpreta o *corpus* nietzscheano sob a perspectiva do tema ou problema do niilismo (p. 21). Nietzsche, filósofo do fim dos valores tradicionais, desenvolveria seu projeto filosófico buscando o diagnóstico, a radicalização e a superação do niilismo. Segundo o autor, uma tríade de “conceitos” torna-se fundamental na compreensão do projeto nietzscheano:

---

² Em outro livro entregue à temática da recepção, intitulado *Interpreting Nietzsche: Reception and Influence*, Woodward (2011) apresenta o modo como pensadores do século XX apropriaram-se e foram influenciados pela filosofia de Nietzsche.

vontade de potência [*Wille zur Macht*], eterno retorno [*Ewige Wiederkunft*] e além-do-homem [*Übermensch*]³. Na interpretação de Woodward, a noção de vontade de potência é a busca de expansão da vida (p. 35), mas na recepção em geral é entendida, por alguns, como um princípio psicológico ou, por outros, como uma teoria metafísica acerca do *kósmos* (p. 36). Por eterno retorno entende-se tanto uma teoria cosmológica estreitamente relacionada à vontade de potência quanto um imperativo ético (p. 38). O *Übermensch*, para Woodward, é o tipo superior de homem que afirma a condição trágica da existência e encontra na criação uma via de sentido (p. 42), e aqui se mostra sua interpretação a partir da filosofia da arte. Assim, em torno dessas noções, o autor concentra sua análise de cada uma das constelações do nietzscheanismo.

No primeiro capítulo, intitulado *Nietzscheanismo e existencialismo*, Woodward ocupa-se da recepção de Nietzsche como um pensador existencial apresentando: (1) sua associação, na Alemanha, à filosofia da vida [*Lebensphilosophie*] a partir, sobretudo, de uma leitura da vontade de potência como uma metafísica dinâmica e irracional da vida e, também, sua associação à Teoria dos Valores por seu apelo à transvaloração de todos os valores; (2) a interpretação de Karl Jaspers de Nietzsche como filósofo que contribui para elucidar e/ou significar a existência (p. 67); (3) sua controversa relação com o existencialismo francês de Sartre pelo compartilhamento da ideia de que o existente é o provedor de sentido do mundo e cria a si mesmo, uma vez que nada teria sentido em si (p. 78-79), e a recepção crítica de Albert Camus a partir do problema do niilismo; discorre o autor, em seguida, sobre (4) a interpretação de Walter Kaufmann, que lê a vontade de potência como doutrina central a partir da qual Nietzsche defenderia o ideal de superação e criação de si como caminho ao indivíduo (p. 94). Ao final do capítulo, Woodward apresenta (5) algumas considerações sobre o Nietzsche de Heidegger: na perspectiva do filósofo de Freiburg, Nietzsche é o pensador que leva a metafísica às últimas consequências, um pensador sistemático, que mobiliza o *Übermensch*, a vontade de

---

³ Três intérpretes são, segundo o autor, influentes na consolidação desta tríade conceitual e mais relevantes ao nietzscheanismo. São eles: Martin Heidegger, Karl Löwith e Karl Jaspers (Cf. WOODWARD, 2016, p. 48). Deve-se isso em grande medida à recepção anglo-saxã na qual o próprio Woodward foi formado, cuja leitura de Nietzsche foi mediada, sobretudo, pelas traduções de Walter Kaufmann e sua importante obra *Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist* (KAUFMANN, 1950). Cabe ainda notar que Ashley Woodward traduz *Wille zur Macht* (vontade de potência ou vontade de poder) e *Ewige Wiederkunft* (eterno retorno), mas não traduz *Übermensch* pela polissemia de apropriações do conceito presente nos diversos nietzscheanismos, razão pela qual o tradutor manteve o vocábulo em alemão no corpo do texto. Limitamos a indicar a possibilidade de verter *Übermensch* por além-do-homem, tal como Rubens Rodrigues Torres Filho em sua tradução (Cf. NIETZSCHE, 1987) ou por super-homem, como traduz Paulo César de Souza (Cf. NIETZSCHE, 2002).

potência e o eterno retorno como conceitos de sua metafísica.

Em *Nietzscheanismo e pós-estruturalismo*, segundo capítulo da obra, Woodward apresenta a recepção entre os autores franceses que maneiram as obras de Nietzsche para uma crítica do estruturalismo, do racionalismo cartesiano e sua filosofia do sujeito, bem como do hegelianismo e do marxismo (p. 107-108). Os grandes responsáveis pelo *nietzscheanismo francês*, segundo Woodward, são: George Bataille, que, defendendo Nietzsche das interpretações nazistas de seu pensamento, faz de sua obra um enfrentamento da filosofia de Hegel; outro autor evocado é Pierre Klossowski, que, afirmando a centralidade do eterno retorno como *circulus vitiosus deus*, isto é, como um argumento paradoxal, põe abaixo as categorias metafísicas de realidade, verdade e sujeito. Após essas leituras, três autores destacam-se: Gilles Deleuze, que interpreta Nietzsche sob uma metafísica baseada no princípio de diferença, na qual a vontade de potência indica as forças diferenciais e o eterno retorno é sempre retorno do diferente e não do mesmo; Michel Foucault, que, desenvolvendo, sobretudo, a genealogia nietzscheana como um método de pesquisa historiográfica, opõe-se à historiografia tradicional baseada sobremaneira em Hegel; e, por sua vez, Jacques Derrida, que interpreta Nietzsche como precursor da desconstrução, por explorar deslocamentos de sentido e a inversão de oposições binárias. Por fim, Woodward apresenta o movimento antinietzscheano francês orquestrado, principalmente, por Luc Ferry e Alain Renaut que, opondo-se às leituras de Deleuze, Foucault e Derrida, acaba por confundir Nietzsche com um pensador irracional e neoconservador que rejeitaria a democracia e defenderia o totalitarismo.

No terceiro capítulo de sua obra, Ashley Woodward explora as relações entre *Nietzscheanismo e política*, sobretudo a partir de dois dados historiográficos. Explicitando inicialmente, (1) alguns aspectos do contexto político-cultural de unificação da Alemanha sob a liderança de Bismarck, figura com a qual Nietzsche, ao longo de sua vida adulta, tem uma relação ambígua: por vezes critica o primeiro-ministro por sua concentração no poder militar e desprezo pela renovação cultural alemã e, outras vezes, o considera uma proteção necessária contra o socialismo. Em seguida, o autor apresenta, em linhas gerais, (2) a apropriação de Nietzsche pelo nacional-socialismo, orquestrada pela irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche, que manipulou as obras do irmão para fazê-las palatáveis à ideologia nazista, uma vez que Nietzsche era opositor ferrenho do nacionalismo e do antissemitismo. Contudo, a interpretação nazista “oficial” é desenvolvida por Alfred Baeumler, que interpreta a vontade de potência como forças em

luta constante para dominar umas às outras. Em relação a esses dois aspectos, o contexto histórico-cultural alemão no qual vive o Nietzsche adulto e as apropriações de seu pensamento pelo nazismo, Woodward mapeia a recepção do “pensamento político” nietzscheano: Kaufmann e Leiter interpretam Nietzsche como *apolítico* estabelecendo uma barreira à apropriação nazista; Georg Brandes é o responsável pela caracterização de sua filosofia como um *radicalismo aristocrático* que busca a formação de “tipos superiores”; Woodward expõe as posições de Nietzsche em relação ao socialismo, à democracia e ao liberalismo. Por fim, o autor expõe a apropriação francesa em relação à política e o lugar de Nietzsche na Teoria Crítica, especialmente em Adorno e Horkheimer.

Woodward não deixa de abordar uma das temáticas mais controversas na recepção e na própria obra de Nietzsche, a saber, a relação do filósofo com o feminino e os movimentos feministas de sua época. O capítulo *Nietzscheanismo e feminismo* desenvolve, por um lado, as declarações de Nietzsche sobre as mulheres que seriam carregadas de um viés de gênero e sua oposição aos movimentos de emancipação feminina; de outro lado, mostra as não poucas feministas que encontraram em Nietzsche argumentos para fortalecer a libertação das mulheres, a ponto de consolidarem um *feminismo nietzscheano*. Três autoras destacam-se nesse sentido: a) Sarah Kofman aponta uma crítica tipológica nos textos nietzscheanos; segundo ela, Nietzsche criticaria, entre as imagens da mulher, aquela afeita à deusa Circe, imagem negativa da mulher, fetichizada, pervertida pela teologia e negadora do perspectivismo, enquanto defenderia a deusa Baubo, uma espécie de Dioniso feminino associada ao poder criador e afirmativo da vida e dos véus do perspectivismo; b) Luce Irigaray mantém uma relação tensa com os escritos de Nietzsche nos quais vê um movimento de exclusão do feminino e da sexualidade, mas, também, contribuições para a reversão da lógica de exclusão do feminino presente no pensamento ocidental, na medida em que Nietzsche não distingue discurso filosófico (gênero masculino) de poesia (gênero feminino); c) Kelly Oliver, por sua vez, argumenta que Nietzsche contribuíra para novas possibilidades de pensamento, mas essas possibilidades permaneceriam excluindo o feminino.

No quinto capítulo, *Nietzscheanismo e teologia*, Woodward desenvolve a recepção dada a Nietzsche no interior da discussão teológica. Inicialmente, o autor apresenta aspectos da crítica nietzscheana do cristianismo histórico que deveria sua constituição não ao Jesus histórico e sim a Paulo, pois enquanto a morte de Jesus seria a abolição do ressentimento e a afirmação desta vida e deste mundo aqui e agora, a pregação de Paulo

buscaria restaurar o mundo metafísico e a noção de pecado. Após tais considerações centradas, sobretudo, numa leitura do *Anticristo* de Nietzsche, Woodward apresenta a recepção pelos teólogos em três movimentos teológicos: (1) a teologia existencial, cujos representantes são Martin Buber, Karl Barth e Paul Tillich, que interpretam o anúncio da *morte de Deus* em Nietzsche como o fim de uma concepção moderna de Deus, sendo necessário afirmar o mistério acerca de Deus e sua incognoscibilidade; (2) a teologia radical ou *teologia da morte de Deus*, que compreende essa como evento no qual o Deus transcendente morreu ao fazer-se carne em Cristo, sendo a obra de Nietzsche uma espécie de ateísmo cristão que revela uma nova forma imanente do sagrado na qual o eterno retorno equivale ao Reino de Deus na Terra; (3) a teologia fraca desenvolvida por Gianni Vattimo, que interpreta a tradição teológica como enfraquecimento das pretensões da metafísica, concebendo a *morte de Deus* em Nietzsche como equivalente da *kénosis* cristã, isto é, o esvaziamento metafísico do poder do Deus transcendente. Por fim, Woodward apresenta alguns desenvolvimentos recentes que, por um lado, valorizam a filosofia de Nietzsche na medida em que permite aos cristãos estabelecerem uma autocrítica e, por outro, criticam a validade da leitura nietzscheana do legado paulino no cristianismo.

Dedicado às relações entre *Nietzscheanismo e pós-humanismo*, o sexto capítulo aborda essa recente apropriação da filosofia de Nietzsche. Woodward define o pós-humanismo em duas acepções que se relacionam antagonicamente. A primeira define o movimento como a busca de uma espécie de trans-humanismo, isto é, de transcender a condição humana a partir do desenvolvimento tecnológico; a associação do movimento a Nietzsche é articulada por Stefan Sorgner, que define o filósofo alemão como precursor do trans-humanismo. A outra acepção de pós-humanismo define-se em termos de um anti-humanismo entendido como o fim do conceito de essência ou natureza humana e como a total rejeição do homem como síntese do conhecimento. Ashley Woodward, buscando limitar o alcance da leitura dessas duas correntes de recepção, apresenta as críticas de Keith Ansell-Pearson, reconhecido especialista na filosofia nietzscheana, às concepções populares de trans-humanismo.

O último capítulo da obra de Woodward discute a componente naturalista da recepção do pensamento nietzscheano. O autor apresenta as discussões em três direções: (I) algumas interpretações naturalistas de Nietzsche, (II) a possibilidade de uma filosofia da ciência em seus textos e, por fim, (III) o significado de autores como Lange, Darwin e Boscovich para a constituição da filosofia de Nietzsche. (I) Dois intérpretes têm lugar na

análise de Woodward: Leiter defenderia um naturalismo metodológico em Nietzsche, segundo o qual o autor da *Gaia ciência* teria como objetivo de seu projeto estabelecer uma continuidade entre a filosofia e os métodos das ciências naturais; Cox, por outro lado, postula que Nietzsche teria (i) adotado uma forma qualificada de empirismo em detrimento do racionalismo e do idealismo transcendental e (ii) desenvolvido uma ontologia naturalizada na qual buscaria a desdivinização da natureza e a naturalização do ser humano. (II) Segundo Woodward, a articuladora de uma crítica filosófica da ciência contemporânea em Nietzsche é Babette Babich, uma vez que ela argumenta que o filósofo pensa a ciência sob a ótica da arte e da vida, mostrando a ausência de fundamento efetivo da atividade científica. Por fim, o autor apresenta (III) o lugar do materialismo de Friedrich Lange no desenvolvimento da crítica de Nietzsche à teoria do conhecimento, bem como o papel da Teoria Atômica de Boscovich para o desenvolvimento das noções de vontade de potência e eterno retorno, além da controversa tese de que Nietzsche seria um darwinista.

Além dos sete capítulos mencionados anteriormente, a obra conta ainda com uma cronologia da vida e obra de Nietzsche, bem como do desenvolvimento da recepção; contém, também, um apêndice de questões para discussão e revisão das temáticas analisadas ao longo do texto e, por fim, apresenta uma bibliografia comentada. Metodologicamente, o texto de Woodward merece uma ressalva: o autor não recorre à edição crítica de Giorgio Colli e Mazzino Montinari⁴ (NIETZSCHE, 1980) na maioria das vezes que cita Nietzsche. Não poucas vezes o autor cita fragmentos póstumos do filósofo a partir do crime editorial e ideológico que significa a *Vontade de potência* (NIETZSCHE, 1996), obra que a irmã do filósofo publicou a partir de fragmentos, não respeitando a ordem cronológica e manipulando, quando não adulterando, os textos a fim de associar Nietzsche ao antissemitismo e ao nazismo. Desse modo, *Vontade de potência* não existe enquanto obra, apenas enquanto um crime editorial. Apesar de Woodward conhecer tais fatos, e analisá-los em sua obra, o autor não presta o devido cuidado com esse aspecto.

Contudo, a análise de cada uma das constelações temáticas da recepção da filosofia nietzscheana desenvolvida por Woodward é acompanhada de um trabalho de mapeamento dos conceitos, dos métodos de leitura e interpretação que marcam o nietzscheanismo. Não

---

⁴Tal edição crítica começa a ser publicada nos anos 1960, a partir de rigorosos critérios histórico-filológicos, conferindo organização cronológica e, simultaneamente, restituindo a integridade ao *corpus* nietzscheano, corrompido pelo uso da irmã Elisabeth Förster-Nietzsche que vinculou o pensamento do autor ao nazismo e ao fascismo.

é uma obra sistemática e cada uma de suas partes pode ser compreendida de maneira autônoma. Cada um dos capítulos, antes da exposição de cada uma das disciplinas ou movimentos que se dedicaram a desenvolver aspectos da filosofia de Nietzsche, traz um resumo das características e representantes do movimento para, depois, proceder ao exame desta ou daquela forma de nietzscheanismo. Nesse sentido, a obra é acessível tanto ao leitor não especializado que procura tomar um primeiro contato com as leituras desenvolvidas sobre Nietzsche, quanto ao especialista que deseja se dedicar ao tema da recepção. A obra é uma porta de entrada, portanto, não à filosofia de Nietzsche, mas às diversas formas de recepção que incorporaram ou apropriaram-se de seu pensamento. Em alguns momentos, o texto é cansativo devido ao tom demasiadamente expositivo assumido pelo autor e, por vezes, falta uma apreciação crítica que evidencie a perspectiva do próprio Woodward. Contudo, o livro de Ashley Woodward, pela referência a uma bibliografia vasta e atualizada, reitera a importância e o lugar de Nietzsche no pensamento contemporâneo, recolocando as tarefas deixadas por sua filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1950.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Coleção Os pensadores).

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição a cargo de Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, DTV, 1980.

_____. *Der Wille zur Macht: Versuch einer Umwertung aller Werte*. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1996.

WOODWARD, Ashley. *Interpreting Nietzsche: Reception and Influence*. Londres: Continuum, 2011.